



“O LUGAR RECOMENDADO PARA INICIAR O TRABALHO ENTRE O POVO ALEMÃO”: A INFLUÊNCIA DA INTERSEÇÃO RELIGIOSA DOS *MÓRMONS* SOBRE OS IMIGRANTES EUROPEUS EM JOINVILLE (1928-1935)

“The place to recommend to start the work among the German people”: the influence of the Mormon religious intersection on European immigrants in Joinville (1928-1935)

Fernando Pinheiro da Silva Filho*

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Clara Varjão Schettini**

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

DOI: 10.29327/256659.15.1-10

RESUMO:

Os Santos dos Últimos Dias, frequentemente referidos como *mórmons*, apresentam uma narrativa histórica intrinsecamente ligada a processos migratórios desde sua fundação, marcada pelo estabelecimento no Oeste dos Estados Unidos. No contexto brasileiro, os primeiros adeptos dessa fé foram, em sua maioria, imigrantes europeus, especialmente de origem alemã. Dessa forma, observamos a formação de uma comunidade religiosa caracterizada pela diversidade de origens étnicas e culturais, unidas pela adesão a uma fé de matriz estadunidense. Este artigo tem como objetivo analisar como essa intersecção religiosa influenciou as crenças e práticas religiosas dos imigrantes europeus de Joinville, Santa Catarina, que aderiram a essa fé. Além disso, o texto aborda exemplos de perseguições à fé do imigrante e sua interação cotidiana com não-imigrantes.

Palavras-Chave: Santos dos Últimos Dias; *Mórmon*; Migração; Religião.

* Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Especialista em História de Alagoas pelo Instituto Federal de Alagoas (IFAL). E-mail: kingfuim@hotmail.com

** Doutoranda e Mestra em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Bolsista CAPES-PROSUC, licenciada em História pela mesma instituição. Integrante dos grupos de estudos Cactus-UNICAP e Mandrágora-Netmal. E-mail: profclaraschettini@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A interseção entre religião e migração tem sido um campo de estudo cada vez mais relevante e complexo, com implicações profundas tanto para as comunidades migrantes quanto para as sociedades receptoras. A análise interdisciplinar de religião e migração revela a complexidade e a riqueza dessa interação. Ao considerar as contribuições da sociologia, antropologia, história e teologia, somos capazes de compreender melhor como as práticas religiosas dos migrantes influenciam e são influenciadas pelas dinâmicas sociais, culturais e políticas das sociedades receptoras. Além disso, essa perspectiva nos desafia a refletir sobre questões de justiça, identidade e pertencimento em um mundo cada vez mais marcado pela mobilidade humana.

As migrações nas religiões ilustram não apenas a preservação e transformação das identidades culturais e religiosas, mas também a resistência e adaptação às novas realidades sociais. Ao migrar, as comunidades religiosas frequentemente recriam espaços de pertencimento e coesão, como visto na preservação das tradições e idiomas pelos imigrantes alemães nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Esses movimentos migratórios religiosos refletem tanto a busca por um refúgio espiritual e cultural quanto os desafios enfrentados na integração e interação com as culturas predominantes das regiões de acolhimento.

Os Santos dos Últimos Dias ou *mórmons*¹, como são popularmente conhecidos, são um tipo especial de comunidade cristã. Creem em revelação e profetas como estruturas básicas de sua religião, no relacionamento familiar eterno, vivem a lei da castidade e um código de saúde. Os membros do sexo masculino recebem o sacerdócio, que acreditam ser a autoridade para agir em nome de Deus. A igreja é dirigida e liderada por meio dessa autoridade. Seu apelido advém de uma de suas escrituras sagradas, o Livro de Mórmon, que é considerado pelos adeptos como um complemento à Bíblia. Esta escritura relata a história e os ensinamentos de povos antigos nas Américas e é vista como um “outro testamento de Jesus Cristo” (Smith, 2015).

A narrativa histórica dos Santos dos Últimos Dias está intrinsecamente ligada a processos migratórios desde sua fundação. Desde a primeira migração significativa liderada por Joseph Smith, que resultou no estabelecimento da comunidade em Kirtland, Ohio, até

¹ Atualmente a liderança da religião tem aconselhado a descontinuação da alcunha *mórmon* pelo histórico de problemas com seus dissidentes e pela expressiva cultura de desinformações sobre a crença. Como isso, manteremos o termo em itálico.

a migração épica liderada por Brigham Young para o Vale do Lago Salgado, a mobilidade geográfica foi um elemento central para a identidade e sobrevivência da igreja. Esses movimentos migratórios não apenas facilitaram a consolidação de comunidades autossuficientes e espiritualmente unidas, mas também foram respostas estratégicas às perseguições religiosas e sociais enfrentadas pelos membros da igreja. Além disso, as migrações subsequentes, tanto internas quanto internacionais, refletem o crescimento e a expansão global da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, reforçando a interdependência entre mobilidade e expansão religiosa.

Essa disposição pela mobilidade religiosa dos *mórmons* não foi causada apenas pela falta de liberdade religiosa. Mark L. Grover, pesquisador por muitas décadas sobre a religião na América Latina, escreveu:

Outro fator foi a doutrina da Igreja sobre a reunião de Israel. Enviar missionários para o mundo inteiro era um princípio fundamental da Igreja desde o seu início, mas um elemento importante que modificava isso era que a expansão da Igreja ocorreria de forma geográfica e em etapas. Essas crenças evoluíram a partir da doutrina de Joseph Smith sobre a dispersão e a reunião das doze tribos de Israel. O Senhor prometeu a Abraão que sua posteridade teria as bênçãos especiais do evangelho. Embora a maioria de seus descendentes diretos, através dos filhos de Jacó, estivesse espalhada pelo mundo, eles seriam unidos por meio de uma reunião em “Sião”. Entre as doze tribos, os descendentes de José, através de seus dois filhos, Efraim e Manassés, eram favorecidos. Joseph Smith ensinou que os descendentes de Efraim seriam reunidos primeiro para fornecer a liderança necessária para preparar a Igreja para o eventual retorno de todas as doze tribos. Como resultado, os primeiros missionários ensinaram principalmente os descendentes de Efraim, que acreditavam estar principalmente no norte da Europa. O sucesso missionário na Grã-Bretanha, Alemanha e Escandinávia reforçou essas ideias. Essas crenças se encaixavam confortavelmente nos movimentos seculares desenvolvidos na Inglaterra, especialmente o Israelismo Britânico ou Anglo-Israelismo. [...] O Apóstolo Melvin J. Ballard explicou em 1920: “A colheita do trigo do meio do joio está quase completa. Resta apenas a respiga do trigo”. Esse contexto ajuda a explicar por que grande parte da atividade inicial relacionada ao trabalho missionário na América do Sul se concentrou em imigrantes do norte da Europa e não na população mais numerosa de espanhóis, italianos ou portugueses. A expansão da Igreja para o Brasil entre imigrantes alemães foi a expressão mais visível e óbvia desse conceito mórmon do início do século XX sobre a reunião (Grover, 2019, p. 122-124).

O texto de Grover examina um aspecto categórico da doutrina e prática missionária de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias: a reunião das doze tribos de Israel.

Esta crença, baseada nos ensinamentos de Joseph Smith, estabelece que a expansão da Igreja deve ocorrer de forma geográfica e em etapas. Este foco específico na reunião de Israel e a identificação dos descendentes de Efraim como líderes espirituais sublinha a interconexão entre teologia e estratégia missionária da crença, ilustrando como as crenças religiosas moldaram decisões práticas e influenciaram a dinâmica da expansão global da Igreja.

Tendo em vista a carência de trabalhos científicos sobre esse objeto, a possibilidade de um estudo que reúna diferentes áreas, a pertinência do tema e até mesmo a falta de conhecimento entre os adeptos da religião, foram encontrados argumentos sólidos para o desenvolvimento desta pesquisa, com o objetivo de preencher uma lacuna nos estudos da religião em movimento.

Diversos procedimentos metodológicos se mostraram úteis para a realização desta pesquisa, todos devidamente apoiados em análise bibliográfica para a composição e discussão da base conceitual e teórica. O estudo do objeto foi construído a partir do registro das experiências e memórias dos líderes e adeptos da religião no primeiro momento de proselitismo dos missionários *mórmons* no Brasil, utilizando-se da história oral, diários e documentos administrativos. Fotografias, periódicos eclesiásticos, recortes de jornais locais e registros genealógicos também integraram o conjunto de recursos utilizados como fontes para a investigação. Muitos desses documentos foram provenientes do *Church History Department* (Departamento de História da Igreja) e da *Church History Library* (Biblioteca de História da Igreja), ambos localizados em Salt Lake City, EUA.

ORIGEM, ORGANIZAÇÃO E O ÊXODO DA IGREJA PARA O OESTE

O mormonismo teve início no nordeste dos Estados Unidos no início do século XIX, durante um período de grande agitação religiosa denominado Segundo Grande Despertar.² Joseph

² O Segundo Grande Despertar foi um dos aspectos sociais, religiosos, culturais e econômicos mais relevantes do início do século XIX nos Estados Unidos. Ele também está ligado ao processo de crescimento tanto populacional como territorial na região. Trata-se de um período de avivamento religioso estadunidense em que se verificou um aumento do número de pessoas interessadas em religião. As igrejas preocupadas com a “salvação das almas”, junto com um “desejo genuíno das pessoas em saber a sua condição perante Deus”, vários indivíduos decidiram que “deveriam iniciar uma procura da importância do transcendente nas suas vidas”. Foi nesse contexto que experiências de conversão surgiram, pastores foram legitimados por conta de “uma pregação fervorosa, uma dedicação ímpar, que viajavam de localidade em localidade com sacrifícios pessoais imensuráveis, tanto no aspecto familiar, como econômico” resultando “num interesse renovado, na compreensão do seu relacionamento pessoal com Deus, provocando mudanças de caminhos para aprofundarem

Smith Jr., um jovem imerso na confusão de ensinamentos conflitantes das diversas religiões da região, relatou uma experiência espiritual em 1820, na qual alegou ter sido visitado por Deus, o Pai, e Jesus Cristo. Ele afirmou ter recebido instruções para não se unir a nenhuma das denominações existentes, pois todas estavam erradas. Posteriormente, Smith alegou ter recebido visitas de outros seres espirituais, incluindo um anjo chamado Morôni, que lhe entregou um registro antigo escrito em placas de ouro. Smith afirmou ter traduzido esse registro com o “dom e poder de Deus”, resultando no Livro de Mórmon, considerado sagrado pelos santos dos últimos dias. Este texto contém um relato da conversação de Deus com os habitantes da América pré-colombiana e foi escrito por um profeta chamado Mórmon, nome pelo qual os adeptos da religião seriam conhecidos posteriormente (Berrett, 2015).

Uma vez oficialmente organizada em 6 de abril de 1830, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias se desenvolveu rapidamente por meio de um forte movimento missionário. Vários líderes foram enviados à Inglaterra levando a mensagem da Igreja e estimulando os novos conversos a se juntarem aos membros da América. Contudo, o crescente número de imigrantes causou desconfiança entre os moradores dos condados vizinhos e não tardou para que uma grande perseguição fosse iniciada. Gordon B. Hinckley escreveu que

o trabalho era frequentemente criticado com maldade naqueles dias de fanatismo religioso. Logo depois de a Igreja ter sido organizada, Joseph Smith foi preso, enquanto dirigia uma reunião em Colesville, Nova York. Foi acusado de ser “desordeiro, agitando o país com a pregação do Livro de Mórmon”. O testemunho apresentado foi tão ridículo quanto a acusação. Entretanto, tão logo foi absolvido pelo juiz, foi levado para outra cidade, mediante outra acusação da mesma natureza, a fim de ser julgado, sendo novamente absolvido. Assim começou a perseguição que iria atormentá-lo até a morte (Hinckley, 1979, p. 34).

O rápido desenvolvimento da Igreja e sua expansão causaram perseguições, motivadas pela competitividade religiosa e econômica. A procura desta comunidade por novas terras, sua nova doutrina, costumes e cultura diferentes ocasionaram desafios e conflitos.

o seu envolvimento religioso”. Muitas pessoas novas uniram-se às igrejas, principalmente mulheres, provocando um aumento no número de membros. Já o Primeiro Grande Despertar aconteceu nas décadas de 1730 e 1740, na época de Jonathan Edwards, pregador, teólogo calvinista e missionário dos povos originários norte-americanos.

Logo que as perseguições se tornaram insuportáveis, os *mórmons* se mudaram de Nova York para Ohio, Missouri e finalmente para Illinois. Em 1844, Joseph Smith foi alvo de conspirações que culminaram em sua morte. O governador de Illinois, Thomas Ford, ordenou que Smith fosse julgado por sublevação da ordem pública, resultando em sua prisão em Carthage. Em 26 de junho do mesmo ano, a prisão foi invadida por cerca de duzentos homens armados, resultando na morte de Joseph Smith e seu irmão Hyrum.

Após enfrentarem hostilidades e perseguições em várias regiões dos Estados Unidos, os *mórmons*, liderados agora por Brigham Young, decidiram migrar para o Oeste Americano em busca de um local onde pudessem viver em paz e praticar sua religião livremente. O historiador Benjamin E. Park escreveu sobre a ocasião:

o caminho de Nauvoo até Salt Lake foi longo e difícil. Depois de examinar guias de viagem, especialmente um produzido pelo explorador John C. Frémont, Brigham Young fixou-se na “vizinhança do Lago Tampanogos” devido a ser “uma região muito agradável” sem “nenhuma povoação próxima”. Ele esperava que um grupo avançado pudesse fazer toda a jornada em 1846. Isso seria seguido por uma migração em massa de quase 16.000 santos, poucos dos quais tinham experiência substancial na fronteira, ao longo de uma trilha que estava longe de ser uma estrada bem estabelecida (Park, 2024, p. 90).

Em julho de 1847, após uma jornada de mais de dois mil quilômetros pelo deserto, estabeleceram-se no Vale do Lago Salgado, nas Montanhas Rochosas. A partir desse assentamento, os Santos dos Últimos Dias fundaram diversas comunidades em Utah, Sul de Idaho e outras regiões do Oeste dos Estados Unidos. No final do século XIX, o número de adeptos da religião atingiu 250 mil pessoas, com a maioria vivendo em Utah (Nosso Legado, 1996, p. 75-77).

O movimento missionário se estendeu por outros continentes, chegando de forma mais acentuada na América do Sul no início do século XX. Logo, o mormonismo não mais seria conhecido apenas como uma religião norte-americana.

O relato sobre a migração dos *mórmons* devido a perseguições intensas, culminando na eventual formação de comunidades no Oeste Americano, evidencia a complexa relação entre religião e imigração forçada. A narrativa mostra como as condições adversas, incluindo a violência e a hostilidade governamental, forçaram o grupo a buscar refúgio longe das áreas de intensa discriminação. A ordem de prisão e a subsequente morte de

Joseph Smith sob custódia governamental, seguida pela liderança de Brigham Young e a migração massiva para o Vale do Lago Salgado, destacam um padrão de deslocamento induzido por perseguição religiosa. No entanto, essa migração não foi apenas um movimento em busca de liberdade religiosa, mas também uma redefinição de identidade comunitária em um novo contexto geográfico.

A escolha do Oeste Americano, então relativamente isolado e desabitado, permitiu aos *mórmons* construir uma teocracia funcional onde podiam exercer controle social e religioso sem interferências externas significativas. Contudo, essa realocação estratégica questiona a noção de integração e assimilação, visto que os Santos dos Últimos Dias criaram um enclave cultural e religioso que resistiu à influência predominante da cultura americana do Leste.

A formação de comunidades homogêneas em Utah e regiões circunvizinhas ilustra como a religião pode ser tanto um mecanismo de coesão interna quanto de segregação, permitindo a manutenção de práticas e crenças distintivas em um ambiente relativamente autônomo. Dessa forma, a migração *mórmon* exemplifica como perseguições podem catalisar movimentos populacionais significativos, moldando a geografia religiosa e cultural de uma nação.

PRIMÓRDIOS DO “EVANGELHO RESTAURADO” NO BRASIL

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias se estabeleceu permanentemente na América do Sul quase um século após Joseph Smith ter organizado a religião. Planejando trabalhar com os imigrantes oriundos da Europa, Melvin J. Ballard e dois companheiros introduziram a crença na Argentina em 1925, conseguindo organizar uma pequena congregação composta por imigrantes alemães. Reinhold Stoof, um jovem alemão convertido que substituiu Ballard como presidente da missão³, foi para a Argentina com o objetivo de continuar a apresentar a religião a seus compatriotas.

O processo de estabelecimento de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Buenos Aires revela, mais uma vez, uma intrincada relação entre religião e imigra-

³ Mesmo antes de a Igreja ser organizada, a instituição teve como um de seus principais objetivos pregar o evangelho. Para levar isso a efeito, organizou missões e designou homens para serem seus administradores, conhecidos como presidentes da missão. Suas responsabilidades primordiais eram supervisionar os esforços de proselitismo e assegurar o bem-estar de seus missionários.

ção. O trabalho inicial de proselitismo pelos missionários Melvin J. Ballard e seus companheiros, focando inicialmente nos imigrantes europeus, levanta várias questões sobre a dinâmica de poder e identidade cultural na diáspora. A escolha de trabalhar predominantemente com imigrantes alemães sugere uma estratégia missionária que privilegia grupos etnicamente coesos e culturalmente próximos aos missionários. Esse enfoque pode ser visto como uma forma de manutenção das identidades nacionais e culturais no contexto da migração, ao invés de promover uma integração plena com a sociedade argentina mais ampla.

Além disso, a figura de Reinhold Stoof, um convertido alemão que assumiu a liderança da missão, exemplifica como a religião pode servir como um meio de fortalecer laços étnicos e proporcionar uma sensação de continuidade cultural em um novo país. Entretanto, essa estratégia também pode ser interpretada como uma forma de segregação, onde a religião atua não apenas como um fator de consolidação de fé, mas também como um mecanismo de preservação de identidades étnicas em detrimento da formação de uma identidade nacional unificada. Portanto, a narrativa do estabelecimento da Igreja na Argentina não é apenas uma história de expansão religiosa, mas também uma complexa intersecção entre religião e migração que merece uma análise crítica aprofundada.

No final do ano de 1927, Reinhold Stoof, acompanhado por Waldo Stoddard, um missionário, empreendeu uma viagem exploratória ao Sul e Sudeste Brasileiro, dirigindo-se primeiramente à cidade de São Paulo com o propósito de localizar um membro alemão residente ali. A metrópole brasileira apresentava características demográficas análogas às de Buenos Aires, embora sem os bairros considerados alemães. Após alguns dias, Stoof deslocou-se para o sul, ao estado de Santa Catarina, até a cidade de Joinville, que funcionava como o ponto de ingresso para a maioria dos imigrantes alemães na região e onde “ficaram suficientemente impressionado[s]” (Gordon, 1976, p. 19).

Na área imediata, havia aproximadamente 25.000 falantes do idioma alemão, em contraste com um número muito reduzido de falantes do português. Stoof sentiu-se como se não estivesse na América do Sul, mas sim de volta à Alemanha. A dupla permaneceu por três semanas na região. Foram realizadas duas palestras com recursos visuais sobre a religião, que contaram com a presença de 142 e 122 pessoas, respectivamente. Alguns participantes demonstraram interesse em conhecer mais sobre a crença, resultando em algumas visitas às suas residências por parte dos representantes da Igreja.

As grandes concentrações de imigrantes alemães e a significativa adesão às palestras, convenceram Stoof a enviar dois missionários para a região no ano seguinte, marcado de forma oficial, o início do proselitismo *mórmon* no Brasil (Sharp, 1972, p. 20). Seu companheiro de viagem, Stoddard, declarou: “Posteriormente, decidimos que aquele seria o lugar recomendado para iniciar o trabalho entre o povo alemão e, em seguida, deixá-lo expandir-se para o português, de maneira mais ou menos similar ao ocorrido com o espanhol na Argentina” (Stoddard, 1972, p. 20).

Com a “existência de amplas áreas não ocupadas no sul do país” (Fausto; Pinheiro, 2006, p. 104), um número considerável de imigrantes germânicos havia se assentado em colônias e pequenas cidades daquela região, preservando a língua e as tradições de sua terra natal. Esses assentamentos do sul tornaram-se “ilhas culturais”, capazes de manter seu idioma e culturas europeias em um nível atípico do restante da população imigrante brasileira. Apesar de, naquele período, a totalidade de imigrantes alemães no Brasil ser muito menor do que os italianos, portugueses ou mesmo espanhóis, eles eram a comunidade cultural mais distinta do país devido à sua capacidade de resistir à assimilação no *mainstream* brasileiro.

Uma elevada taxa de natalidade, o agrupamento da população numa mesma região e, supostamente, um apurado senso de superioridade cultural e racial contribuíram para o isolamento e evolução das colônias alemãs. Paulo Cesar Gonçalves escreveu:

a emigração europeia para o Novo Mundo entre o último quartel do século XIX até as primeiras décadas do XX representou extraordinário movimento de populações. Pessoas solitárias ou acompanhadas deslocaram-se pelo Atlântico, de forma pioneira ou associadas a experiências e redes de sociabilidade nas áreas de origem e destino, sob variadas perspectivas econômicas, políticas, sociais e culturais: escapar da miséria, como força de trabalho, fuga de perseguições políticas ou religiosas, aventura, sonho de eldorado, desejo de se tornar proprietário de um negócio ou de um lote de terra, estratégia familiar (Gonçalves, 2020, p. 91).

Alguns santos dos últimos dias germânicos tinham emigrado para o Brasil antes de os missionários chegarem, após a vinda de 80 famílias alemãs em 1847.⁴ Localizar esses membros se tornou um grande problema, uma vez que estavam espalhados por toda regi-

⁴ O senador e fazendeiro Nicolau de Campos Vergueiro tornou-se o primeiro brasileiro a empregar a mão de obra assalariada de europeus, trazendo famílias de origem alemã, belga, portuguesa e suíça para trabalharem em sistema de parceria.

ão sul e sudeste do país: “[...] fomos avisados [pelas] missões alemãs que eles tinham vindo para o Brasil. Muitas vezes não sabíamos para onde haviam emigrado no Brasil e, por isso, usávamos os jornais alemães esperando que os lessem”, registrou Rulon S. Howells (1973, p. 33).

Com poucas posses e alguma escolaridade adquirida na sua terra-natal, os imigrantes europeus, notadamente os alemães, se constituíram em comunidades relativamente homogêneas. Eles deveriam ter “braços para a lavoura desde que vindos pela primeira vez para o Brasil, constituídos em famílias, ‘exclusivamente agricultores, válidos, de boa conduta moral e civil[...]’” (Gonçalves, 2020, p. 118).

Lídia Baumgarten destacou o seguinte:

Os relatos das experiências de vida dos imigrantes/migrantes expressam o verdadeiro sentido da construção da imagem sobre a exploração da terra. Terra, trabalho e liberdade foram os principais motivos pelos quais homens e mulheres se dispuseram a trocar sua pátria pelo Brasil. O tempo difícil na Europa, as privações causadas pela guerra, a luta pelo pão, levou-os para o estrangeiro para construir uma nova vida, para serem livres na própria terra. Cansados de lutar contra a adversidade em seu país ou lugar de origem, imigrantes e migrantes saem em busca da “Terra da Promissão”. Ao sair de sua terra natal, essas pessoas buscaram mudar de vida e a Colônia foi o território de lutas por suas conquistas. Explorar a terra significou, acima de tudo, “o meio de sobrevivência”, ao mesmo tempo em que possibilitou a muitos colonos a realização e conquista de seus sonhos, bem como, um meio de melhor qualidade de vida. Contudo, essa experiência, impregnada de percalços e contradições, significou para muitos, frustrações e decepções (Baumgarten, 2003, p. 63).

De acordo com o Presidente Howells (1973, p. 33), “os imigrantes vinham por incentivo dos proprietários de terras”, os quais acabavam sendo “persuadidos a irem para o interior sob contrato, onde limpariam a terra e pagariam por ela, desde que as colheitas lhes permitissem fazer os pagamentos do contrato” Howells (1973, p. 33). Uma vez que tinham somente como referência fotos de vegetações exuberantes, ao chegarem se deparavam com uma área primitiva, diferente do que foi mostrado na Alemanha.

Após desembarcarem do porto de Santos ou Porto Alegre, um trem levava centenas em uma viagem de dois ou três dias para a mata primitiva. “Embora [o lugar fosse] naturalmente bonito, era algo a que não estavam acostumados”, registrou Howells (1973, p. 33-34). “[...] Podia ver a diferença na aparência latina e saxônica das pessoas de modo que você poderia muito bem saber quando fosse até uma pessoa e perceber se ela falava

alemão ou se você deveria tentar o português”, continuou. Diferentemente dos imigrantes italianos, portugueses e espanhóis, cuja ascendência latina teria favorecido a aculturação, “os alemães foram obrigados a criar suas próprias escolas, igrejas e clubes, o que contribuiu para isolar a comunidade” (Nosso Século Brasil, 1985, p. 98).

Ainda sobre a discussão historiográfica sobre a imigração alemã no Brasil e sua relevância, o antropólogo e sociólogo Gilberto Freyre destacou a importância da presença alemã na formação da identidade brasileira. O autor defende que

a presença alemã no Brasil viria trazer um aspecto novo à formação brasileira, mas sem fazer violência radical às formas já características dessa formação. Dando novo conteúdo étnico e cultural a essas formas, é certo; mas integrando-se no que nelas era já transregionalmente brasileiro no sentido de serem formas de organização predominantemente familiar e até patriarcal, de sociedade ou de convivência, ao mesmo tempo, que de organização predominantemente rural de economia, adaptáveis à predominâncias étnicas diferentes das ibéricas, a relações de lavradores com as terras diferentes das escravocráticas, a atitudes religiosas diferentes das católicas (Freyre, 1963, p. 19).

A vida religiosa era uma marca registrada entre os imigrantes alemães. Trouxeram da Europa seus costumes e religião, significativamente luteranos, provavelmente devido à ideia, ainda que vaga, de liberdade religiosa prevista nas últimas constituições. Baumgarten registrou:

[...] frequentar a Igreja significava se reunir, ter nela um espaço de comunicação e de troca, além de reforçar hábitos e tradições na realização dos rituais e festas. [...] A religião foi muito importante para as famílias que ousaram trocar sua terra por outra em busca de novos ideais e de melhores condições de vida. O apoio de muitos outros colonos e seus familiares também foi tão importante quanto o apoio oferecido pela Igreja (Baumgarten, 2003, p. 110-111).

Esses hábitos e comportamentos religiosos certamente ajudaram os élderes⁵ a se aproximarem dos colonos, embora tenha havido, eventualmente, alguma resistência entre alguns luteranos.

⁵ O termo “élder” (“ancião”, em português) na religião tem múltiplas conotações, refletindo tanto uma função de liderança e serviço quanto um título honorífico dentro do sacerdócio. No contexto apresentado neste texto, os élderes são os missionários da religião, os quais desempenham uma função vital na disseminação do evangelho, no crescimento da Igreja e na prestação de serviços à comunidade. Sua missão não é apenas um período de serviço religioso, mas também uma fase importante de desenvolvimento pessoal e espiritual, moldando futuros líderes e membros comprometidos da Igreja.

O proselitismo dos missionários *mórmons* naqueles dias se resumia essencialmente a “bater porta” e falar com os transeuntes, além de “realizar reuniões e exposições de rua e buscar referências com membros ou conhecidos” (Shields, 2022, p. 12-13). Os missionários iam de porta em porta, diversas vezes distribuindo folhetos ou materiais da religião, empenhando-se para ensinar aos interessados que, “após séculos de apostasia, Deus mais uma vez tinha estabelecido a verdadeira Igreja de Jesus Cristo na Terra por meio de um profeta chamado Joseph Smith” (Shields, 2022, p. 12). Ira H. Coltrin Jr, que serviu como missionário nos primórdios da Igreja de Jesus Cristo no Brasil, relatou que,

na construção das casas brasileiras, tinha, o que eles chamam de janela, era chamado parapeito, [...] e a maneira de entrar em um lugar como aquele era bater palmas. Você batia palmas e geralmente a dona da casa vinha e queria saber o que você desejava, e você dizia a ela, dava uma explicação do evangelho, e aí você entregava um desses folhetos que a gente tinha e pedia a ela para lê-lo; explicávamos para que servia e por que estávamos lá. Na semana seguinte encontrávamos o velho folheto na sarjeta (Coltrin Jr, 2014) [tradução nossa].

Assim que um dos missionários encontrasse uma área em potencial de falantes de alemão, eram designados dois ou quatro élderes para fazer proselitismo naquela região. “Se eles encontrassem algum amigo, nós alugávamos um salão e então começávamos o que chamamos de classe de inglês para as pessoas interessadas e uma classe de religião ao mesmo tempo”, relatou Howells (1973, p. 32). Os élderes também eram chamados para fazerem apresentações em congregações de outras igrejas cristãs espalhadas pela região. Eles se ocupavam visitando e conversando sobre sua crença, aparentando uma boa recepção por parte dos moradores de Joinville, a despeito da oposição de pastores e padres locais com ataques verbais contra os missionários e sua religião. Durante os primeiros cinco anos da igreja em Joinville, quarenta e três filiaram-se, demonstrando um tímido crescimento.

Um pequeno grupo de luteranos em um povoado a dezessete quilômetros de Joinville pediu aos élderes para serem seus pastores, uma solicitação incomum que foi aceita. Isso exigia que os missionários fizessem a viagem, geralmente a pé, duas vezes por semana. Eles visitavam regularmente outras aldeias ao redor de Joinville para fazer proselitismo. “Várias famílias de Joinville pediram aos missionários que oferecessem educação e instrução em alemão para seus filhos, o que os élderes fizeram”, escreveu Grover (1985, p. 46).

Mesmo com sucesso limitado, os líderes da Igreja aprovaram a construção de uma pequena capela em Joinville. Construída e paga em parte pelos membros e missionários (US\$ 3.000), a capela foi inaugurada em 25 de outubro de 1931 com a presença de seis missionários e noventa e oito membros e interessados. O edifício incluía uma capela, salão de recreação e alojamentos para os missionários. Embora pequeno, o prédio representava o orgulho e a alegria do pequeno grupo que havia conseguido adquirir seu próprio lugar de adoração.

A narrativa sobre a chegada e estabelecimento dos missionários *mórmons* nas colônias germânicas de Joinville no final da década de 1920 levanta várias questões sobre a interseção entre religião e imigração no contexto brasileiro. A decisão de Stoof de focar nos imigrantes alemães revela uma estratégia de evangelização direcionada a comunidades culturalmente homogêneas e, portanto, mais receptivas à mensagem dos missionários devido a uma identidade compartilhada. Esta abordagem reflete um reconhecimento da importância das redes socioculturais já existentes entre os imigrantes alemães, que preservavam sua língua e tradições em “ilhas culturais” relativamente isoladas.

No entanto, essa estratégia também expõe tensões inerentes à tentativa de inserção de uma nova religião em um contexto culturalmente coeso. A resistência inicial de alguns luteranos e a necessidade de adaptação dos missionários, como a oferta de educação em alemão, indicam um processo de negociação cultural e religiosa complexo. Além disso, a construção de uma capela própria simboliza tanto um marco de sucesso quanto um sinal de segregação, evidenciando a dualidade entre a integração e a preservação de uma identidade distinta. Portanto, a expansão dos Santos dos Últimos Dias em Joinville não é apenas um relato de sucesso missionário, mas também um exemplo das dinâmicas de poder e identidade que moldam a experiência migratória e a adaptação religiosa em novos territórios.

OS LIPPELTS

Reinhold Stoof queria expandir a religião abrindo novas unidades em outras áreas do país assim que fosse possível. Após quase dois anos de proselitismo *mórmon* na região, em uma viagem realizada em julho e agosto de 1930, Stoof fez uma visita à pequena colônia alemã de Rio Preto (atualmente conhecida como Ipoméia), localizada no interior de Santa

Catarina. A família Lippelt já tinha tido contato com a religião na Alemanha, e alguns de seus membros, incluindo a mãe Auguste, foram batizados antes de imigrarem para o Brasil. Seu marido, descrito por uma das filhas como um “homem incrédulo”, não apenas rejeitou o mormonismo, como também se tornou antagônico em relação aos estadunidenses que continuavam a visitar sua esposa e família. Com o momento econômico difícil na Europa, juntamente com o desejo de escapar da influência da “religião americana”, o persuadiram a imigrar com sua família para o sul do Brasil, onde acabaram se estabelecendo nesta área recém-inaugurada no interior do estado.

Auguste sempre falava sobre o evangelho e organizava reuniões religiosas durante as ausências de seu marido. Sua dedicação à disseminação dos ensinamentos religiosos aprendidos na Alemanha era notável, demonstrando um profundo compromisso com sua fé e fortalecimento dos laços comunitários, mesmo em circunstâncias desafiadoras.

A devoção de Auguste à religião era tão forte que escreveu para a sede da Igreja solicitando missionários, e foi atendida. Durante sua visita, Stoof realizou três reuniões com interessados na crença na casa dos Lippelt com vinte e um, vinte e três e trinta e cinco presentes em cada encontro. Stoof foi encorajado o suficiente para designar missionários para a região.

Depois de passar nove anos na América do Sul, Reinhold Stoof retornou para Salt Lake City e recomendou “à Primeira Presidência [da Igreja] que o Brasil fosse uma missão separada devido à dificuldade de administrá-lo a partir de Buenos Aires”⁶. Acatada a sugestão de Stoof, a Igreja instituiu a Missão Brasileira em 1935 e designou Rulon Stanley Howells, um estadunidense e ex-missionário da Missão Suíça-Alemanha, para ser seu administrador por um período de 3 anos.

Embora a sede de uma missão *mórmon* seja tradicionalmente a capital do país onde ela é estabelecida, o Rio de Janeiro não foi escolhido por Howells, que escolheu São

⁶ A Primeira Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é o mais alto corpo governante da religião. Ela é composta pelo Presidente da Igreja e seus dois conselheiros. O Presidente da Igreja, considerado pelos membros como um “profeta, vidente e revelador”, é o líder supremo e figura espiritual da crença. Seus conselheiros são escolhidos por ele e ajudam a administrar e dirigir a Igreja. A Primeira Presidência supervisiona todas as atividades e políticas da religião, incluindo doutrinas, práticas religiosas, programas, finanças e esforços missionários. Ela também trabalha em conjunto com o Quórum dos Doze Apóstolos, outro importante corpo governante, para liderar a Igreja globalmente. Juntos, esses líderes são responsáveis por orientar os adeptos e por tomar decisões que influenciam a direção da crença em todo o mundo.

Paulo principalmente por razões econômicas e geográficas. A decisão de criar uma missão separada para o Brasil, em vez de administrá-la a partir de Buenos Aires, demonstrou o comprometimento da Igreja com o país e o reconhecimento das oportunidades de crescimento e estabelecimento de uma comunidade fiel na região.

A situação de Augustine Lippelt e a tentativa de Reinhold Stoof de expandir o mormonismo no Brasil exemplificam a complexa interseção entre religião, imigração e identidade cultural. A resistência de Robert Lippelt ao mormonismo e aos missionários americanos destaca a tensão entre a preservação das tradições culturais e a introdução de novas influências religiosas em comunidades de imigrantes. A oposição de Robert pode ser vista como uma forma de proteger a coesão cultural e familiar contra o que ele percebia como uma intrusão estrangeira. Por outro lado, a devoção de Auguste Lippelt ao mormonismo e sua iniciativa em organizar reuniões religiosas e solicitar missionários evidenciam a força das redes de fé transnacionais que transcendem fronteiras e desafiam a homogeneidade cultural das comunidades de imigrantes.

Por fim, a decisão da Igreja de estabelecer a Missão Brasileira e a escolha de São Paulo como sede, em vez do Rio de Janeiro, refletiram uma adaptação estratégica às realidades econômicas e geográficas do Brasil, mostrando o compromisso da Igreja em se enraizar e crescer em solo brasileiro. No entanto, essa expansão religiosa também levanta questões sobre a influência cultural e o impacto das missões religiosas nas dinâmicas sociais das comunidades imigrantes, que podem tanto enriquecer a diversidade religiosa quanto gerar conflitos internos. Dessa forma, a história de Augustine Lippelt e a expansão do mormonismo no Brasil ilustram as complexas negociações entre identidade, fé e pertencimento no contexto migratório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interseção entre religião e migração é um campo de estudo que revela uma complexa teia de interações culturais, sociais e políticas. Ao explorar a trajetória dos Santos dos Últimos Dias, desde sua origem nos Estados Unidos até sua expansão para a América do Sul, fica evidente como as práticas religiosas são moldadas e, simultaneamente, moldam as dinâmicas das sociedades receptoras. A migração dos *mórmons*, impulsionada por perse-

guições e busca por liberdade religiosa, exemplifica como a religião pode ser um fator de coesão e identidade para comunidades deslocadas.

A análise dos casos específicos dos imigrantes Santos dos Últimos Dias nas colônias germânicas de Joinville e Rio Preto (Ipoméia) destaca a dualidade entre a preservação de identidades culturais e a integração em novos contextos sociais. A resistência inicial de alguns imigrantes luteranos e a adaptação dos missionários *mórmons*, incluindo a oferta de educação em alemão, ilustram um processo de negociação cultural complexo. Além disso, a construção de uma capela *mórmon* em Joinville e a subsequente expansão para outras áreas do Brasil mostram como a religião pode atuar como um fator de consolidação e segregação simultaneamente.

O estudo da migração *mórmon* para o Brasil preenche uma lacuna significativa na historiografia do mormonismo brasileiro e contribui para a compreensão das dinâmicas de poder e identidade nas experiências migratórias religiosas. Ao abordar a estratégia de proselitismo dirigida a comunidades culturalmente homogêneas e as tensões inerentes a essa abordagem, esta pesquisa oferece uma perspectiva aprofundada sobre a interação entre religião e migração.

Assim, ao contribuir para a historiografia sobre o mormonismo e ao expandir os repertórios teóricos e metodológicos para futuros estudos da religião em movimento, esta pesquisa não só amplia o entendimento acadêmico sobre o mormonismo no Brasil, mas também desafia pesquisadores a considerar as complexidades e nuances das interações religiosas e migratórias em contextos globais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Pérola de Grande Valor. Salt Lake City: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2015.

Autobiography of Georgina Lippelt Blind, 1923-1985. Biblioteca de História da Igreja. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Salt Lake City, UT.

BANGERTER, William G. *These Things I Know: The Autobiography of William Grant Bangerter*. Salt Lake City: BYU Print Services, 2013.

BAUMGARTEN, Lídia. *Colônia Riograndense – Território de Lutas na Construção de um Sonho: Cultura, Trabalho e Memória (1922-2003)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-São Paulo), 2003.

BERRETT, William E. *A Igreja Restaurada*. São Paulo: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1978.

COLTRIN Jr, Ira H. Oral History. Transcrição. Rexburg, 2014. Biblioteca de História da Igreja. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Salt Lake City, UT.

FAUSTO, Boris. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *O Brasil Republicano, volume 9: Sociedade e Instituições (1889-1930)*. História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III. 8. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GORDON, Irving. *Preliminary compilation of the numerical strength of the LDS Church in Brazil, 1935-1974*. Historical Department of the Church. Salt Lake City, 1976.

GROVER, Mark L. *Mormonism in Brazil: Religion and Dependency in Latin American*. Tese de doutorado. Indiana University, Bloomington, 1985.

GROVER, Mark L. Sprechen Sie Portugiesisch? Nein: The German Beginnings of the Church in Brazil. Disponível em *Journal of Mormon History* (Vol. 45, No. 2). Illinois: University of Illinois Press, 2019.

GROVER, Mark L. The Mormon Church and German Immigrants in Southern Brazil - Religion and Language. Disponível em *Jahrbuch für Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas* 26 (1989).

HINCKLEY, Gordon B. *A Verdade Restaurada*. São Paulo: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1979.

MOREIRA, Joaquim Jorge O. *A História do Mormonismo em Portugal*. Dissertação de mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Lisboa, 2022.

Nosso Legado: Resumo da História da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. São Paulo: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1996.

Nosso Século Brasil. Volume 3. 1910/1930 (I). São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1985.

PARK, Benjamim E. *American Zion: A New History of Mormonism*. Nova York: Liveright, 2024.

REZNIK, Luís (org.). *História da imigração no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

SHARP, J. Vernon. Oral History. Historical Department, James Moyle Oral History Program, 1972. Biblioteca de História da Igreja. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Salt Lake City, UT.

SHIELDS, Scott G. PINHEIRO, Fernando. *Campo bom: história dos Santos dos Últimos Dias no Rio De Janeiro*. Maceió: Cepal - Companhia de Edição, Impressão e Publicação de Alagoas, 2022.

SMITH, Joseph. *O Livro de Mórmon: Outro testamento de Jesus Cristo*. Salt Lake City: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2015.

South American Mission Manuscript History and Historical Reports. December 1925–August 1935, December 14, 1927. *Biblioteca de História da Igreja*. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Salt Lake City, UT.

STODDARD, Waldo I. *Interviewed by Gordon Irving*, James H. Moyle Oral History Collection, Biblioteca de História da Igreja. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Salt Lake City, UT.

ABSTRACT:

The Latter-day Saints, often referred to as *Mormons*, present a historical narrative intrinsically linked to migratory processes since their foundation, marked by establishment in the Western United States. In the Brazilian context, the early adherents of this faith were mostly European immigrants, especially of German origin. Thus, we observe the formation of a religious community characterized by diversity of ethnic and cultural backgrounds, united by adherence to an American-based faith. This article aims to analyze how this religious intersection influenced the beliefs and religious practices of European immigrants in Joinville, Santa Catarina, who embraced this faith. Additionally, the text address examples of persecution against the immigrant's faith and their everyday interaction with non-immigrants.

Keywords: Latter-day Saints; *Mormon*; Migration; Religion.

Recebido em 31/05/2024

Aprovado para publicação em 22/06/2024